

Uma História de Renascimento

Una Historia de Renacimiento



A Rebirth Story

Viviane Polese Federici*

* Médica em formação no Programa da SOBRAMFA e auxiliar coordenadora de Medicina Narrativa da SOBRAMFA – Educação Médica e Humanismo.

Correspondencia: Viviane Polese Federici MD

Correo electrónico: viviane@sobramfa.com.br

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, essa é a lei.
– Allan Kardec

Tudo tem que morrer uma hora para renascer com mais força e vida. É assim que acontece na natureza. Se algo tem que morrer, não há o que se fazer para evitar. Simplesmente chegou a hora.
- Florenço

Quantas vezes nós nos perguntamos sobre a morte e o morrer? Por que a morte é tão temida? Essa foi a reflexão que me incentivou a escrever este artigo, após conversar com Florenço, um quilombola que vive no interior de Goiás, Brasil, na minha última viagem de férias. Como médica, o tema da morte está intimamente ligado à minha rotina de trabalho: ao comunicar um falecimento, ao diagnosticar um câncer, ao explicar sobre a demência e sua progressão... A morte é constante no meu dia a dia. Mas eu aprendi a não mais temê-la ou odiá-la. Aprendi a viver com ela, por mais paradoxal que isso soe. Por que o morrer tem que ser sinônimo de sofrimento, dor e lágrimas? Por que o morrer não pode ser alegre? Ou até mesmo uma possibilidade de renascer?

No filme *Coco (Viva: a vida é uma festa)*, a morte é vista de uma maneira divertida, cheia de cores, músicas e muitas trapalhadas de Miguelito e o cachorro Dante (temos aí uma brincadeira com o Inferno de Dante¹). Aqueles que se vão para o mundo dos mortos estão sempre vivos na memória dos que ficam na Terra, mostrando que a morte é apenas uma questão de passagem. “*Ninguém escapa da morte*”, escreveu o poeta persa do século XII, Farid Ud-Din Attar². Em seu livro *Conferência dos Pássaros*, que foi recontado por Peter Sis³ em uma linguagem infantil, vemos uma reflexão sobre a morte como parte de um ciclo:

“Isso tudo faz parte do ciclo, pássaro. Ora pense na fênix. Ela vive sozinha por mais de mil anos acumulando uma grande sabedoria, e, quando chega a hora de partir, ela junta folhas à sua volta, abre as asas e assim atíça uma fogueira – uma nova fênix nasce das cinzas”.

A fênix é uma ave que, segundo a mitologia grega, era símbolo da imortalidade e do renascimento espiritual.

Florenço já sabia que morrer faz parte do ciclo da vida. Ensinou que a vegetação do cerrado necessita das queimadas para renascer. Disse “Se o mato ainda não queimou, vai queimar. Quanto mais tempo passa, mais

combustível é acumulado”. E o que mais nós fazemos que acumular combustível, sabedoria e experiência ao longo da nossa existência? Assim como a fênix, um dia chega a hora de partir e de renascer das cinzas: “Se você pode ver essas flores amarelas no cerrado em junho é porque a mata queimou em abril. Somente a chuva é capaz de apagar o fogo, pois esfria a mata. Por mais que o homem tente, não é possível controlar o fogo”. Não é possível controlar a morte, e as lágrimas que derramamos, assim como a chuva que cai na mata, são uma forma de dar voz ao sentimento de perda.

A morte não é só física, muitas vezes, pois uma pessoa pode renascer após atravessar períodos de provações. Tenho uma paciente, Joana (nome fictício), que após 18 anos de luta contra o câncer de mama, já com metástases no fígado, pensou em tirar a própria vida. Questionava-se de que valeria continuar vivendo com uma doença potencialmente fatal. Após longa conversa, introduzi medicação para depressão e a orientei a procurar sentido para sua vida, pois essa é uma forma de encontrar esperança. E, a título de incentivo, recomendei-lhe o livro *Em Busca de Sentido*, de Viktor Frankl⁴.

Dois meses após nossa consulta, ela me procurou para dizer que estava em um trabalho voluntário costurando bichinhos de crochê para doar às mães de recém-nascidos prematuros. Disse que encontrou cor na vida e que não tem mais “esses pensamentos de apressar a morte”. Incrível como nesse caso vida e morte se encontram. Aquela que está com uma doença progressiva - brigando com a morte - doa amor àqueles que acabaram de nascer. A morte é inevitável, mas o modo de chegar até ela é escolha nossa. Será que não posso dizer que essa paciente reviveu? Ou melhor, que ela renasceu? Alguém que se encontrava à beira do suicídio encontrou forças para seguir em frente. De certa forma, a Joana que desejava a morte realmente morreu, dando lugar a uma mulher forte que deseja viver intensamente. Ela encontrou a fênix. Renasceu de suas cinzas.

A vida imita a natureza, como sábio Florenço demonstrou: nascemos, crescemos, ensinamos, e, após acumularmos biomassa, morremos, para renascer através do nosso legado, da nossa história, dos nossos descendentes. E são essas histórias de renascimento que me fazem encontrar amor no que eu faço enquanto médica paliativista pela SOBRAMFA – Educação Médica & Humanismo⁵. E o amor não se pode matar. Retomando Peter Sis, “Perguntaram ao coveiro ancião se era possível enterrar o amor. Ele respondeu que, durante todos aqueles anos, já havia enterrado muitos corpos, mas nunca os seus desejos”.

Referências

1. Alighieri D. A Divina Comédia. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro (1822-1882). Versão para eBook. São Paulo: Atena Editora; 2003.
2. Attar FD. The Conference of the Birds. Editado e traduzido por Dick Davis. New York: Penguin Classics; 1984.
3. Sis P. A Conferência dos Pássaros. 1 ed. São Paulo: Cia das Letrinhas; 2013.
4. Frankl VE. O Homem em Busca de um Sentido, 8 ed. Alfragide: Lua de Papel; 2012.
5. www.sobramfa.com.br